



PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DOS CASOS DE COQUELUCHE ENTRE CRIANÇAS MENORES DE UM ANO EM MINAS GERAIS DE 2009 A 2019

Alice Mirane Malta Carrijo¹; Veronica Perius de Brito¹; João Victor Aguiar Moreira¹; Caio Augusto de Lima²; Kaio Saramago Mendonça¹; Thales Junqueira Oliveira¹; Caroline Coutinho Horácio Alves³; Marcos Vinicius Teixeira Martins¹; Tatianny Calegari⁴

¹ Graduando(a) em Medicina pela Faculdade de Medicina (FAMED) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

² Mestrando em Ciências da Saúde FAMED - UFU

³ Graduanda em Biomedicina pelo Instituto de Ciências Biomédicas da UFU

⁴ Doutora em Ciências. Professora Adjunta do Curso de Graduação em Enfermagem - FAMED - UFU

Introdução: A coqueluche é uma doença infecciosa aguda do trato respiratório inferior de alta transmissibilidade que acomete indivíduos de qualquer idade, contudo, crianças menores são mais susceptíveis e apresentam quadros clínicos de maior gravidade.

Objetivo: Realizar uma análise epidemiológica da coqueluche em crianças menores de um ano de 2009 a 2019 em Minas Gerais.

Métodos: Estudo observacional, transversal, a partir de dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) do Ministério da Saúde.

Resultados: Os casos confirmados no período pesquisado foram de 1.302 dos quais 53,6% concentraram entre 2012 a 2014. A partir de 2015 os registros diminuíram anualmente em todas as idades. De 2009 a 2019, as faixas etárias mais acometidas foram “2 meses” e “menor que um mês” e “um mês”, com respectivamente 24,2%, 19,3% e 15,2% do total de registros. O diagnóstico foi predominantemente clínico (64,5%), seguido de laboratorial (22,2%). Quanto à etnia, verificou-se a maioria de casos entre crianças brancas (42,2%). A distribuição foi de 51,5% para sexo masculino e 48,5% feminino.

O desfecho de 1.200 crianças (92,2%) foi evolução para cura, dentre elas, a maioria estavam na faixa entre “menor que um mês” e “dois meses”. Os óbitos pelo agravo corresponderam à 28 crianças (2,2%), em especial os menores de um mês de idade, e 8 (0,6%) por outra causa. Em 5,1% dos casos a evolução foi ignorada.

Conclusão: Apesar de ser uma doença imunoprevenível, em Minas Gerais as crianças com coqueluche são maioria na faixa etária até dois meses, brancas e do sexo masculino. Os registros apresentaram queda nos últimos cinco anos e a maioria dos casos evoluíram para cura. O desafio brasileiro é desenvolver estratégias políticas que garantam a imunização, cobertura vacinal adequada, diagnóstico precoce e tratamento oportuno, bem como proteção das crianças, a fim de reduzir a mortalidade infantil.

Referências

MEDEIROS, Angélica Teresa Nascimento de et al. Reemergência da coqueluche: perfil epidemiológico dos casos confirmados. Cadernos Saúde Coletiva, v. 25, n. 4, p. 453-459, 2017..

SILVA, Lucas Mike Naves et al. O atual e preocupante perfil epidemiológico da coqueluche no Brasil-The current and worrisome epidemiology of pertussis in Brazil. Revista Educação em Saúde, v. 5, n. 1, p. 21-27, 2017.